

A POESIA NO PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO

Carlos Gildemar Pontes¹

A POESIA QUE BROTA DO CHÃO

Para apresentação deste trabalho, limitamo-nos aos poucos conhecimentos sobre Angola e, menores ainda, sobre a literatura angolana. No entanto, não podemos fugir do desafio de ler com olhos poéticos os poemas do patrício João Melo. E ler com olhos poéticos é ler com solidariedade ao ato criador, sem a preocupação exacerbada de levantar teses ou experimentar teorias, mas com a percuciência crítica do amante/ leitor de poesia.

O Século 20 poderia ser considerado como a era da descolonização. Portugal, Espanha, França e Inglaterra viram seus domínios de além mar tornarem-se independentes. Surgiram novas nações, embora ainda sugadas pela dependência econômica e cultural proporcionada pelas nações que as dominaram. Muitas esfaceladas por guerras. Condenadas a um tipo de miséria pior que o da dependência, o da pobreza. Estas nações hoje tentam se afirmar pela cultura que mantiveram de seus antepassados em fusão com a cultura que herdaram do colonizador. Angola é um destes países que viviam sob o domínio de uma pequena burguesia administrativa e mercantil tutorada por Portugal. A Proclamação da Independência brasileira foi um duro golpe nos movimentos anti-libertários do Século 19. Portugal voltou-se com toda a força para a colonização da África portuguesa, que passou a ter o mesmo papel econômico e político do Brasil. Assim como ocorreu na colonização brasileira, o lema principal da colonização africana foi “cristianizar e evangelizar”. Com o recrudescimento da política portuguesa em relação às suas colônias africanas, ficou cada vez mais clara a separação racial e social em toda a Angola. Foi imposta a lei do mais forte. A determinação era povoar a África a qualquer custo, mesmo que fosse na bala. Criou-se uma estrutura capaz de absorver a civilização que chegava através dos evangelizadores e dos novos dirigentes da nação angolana. Toda a estrutura social e política crioula já existente em Angola foi abandonada. A reação a tudo isso surgiu em fins do Século 19, com a contribuição de degredados políticos e portugueses semiletrados, que tanto participavam

¹ Escritor. Doutorando em Letras no PPGL/UERN. Professor de Literatura Brasileira da UFCG/ Cajazeiras.

da miscigenação biológica quanto sócio-cultural, e criavam uma elite angolana participante do processo de insatisfação contra o domínio português.

O movimento nacionalista liderado pelos intelectuais das letras, organizados em torno da Imprensa Livre e do Vamos descobrir Angola (grupos responsáveis pela formação da literatura angolana de expressão portuguesa), ganharam fôlego no Século 20 com a presença de escritores como Viriato da Cruz, Antônio Jacinto, Agostinho Neto, Mário de Andrade, Tomaz Jorge, dentre outros, que formaram o primeiro movimento literário autenticamente angolano: Movimento dos Novos Intelectuais de Angola, surgido em 1950.

Apesar de a Imprensa tentar afirmar a cultura angolana no Século anterior através de publicações em língua *Kimbundu*, como forma de preservar a identidade nativa, diferenciando-a do colonizador, essa afirmação de nacionalidade só veio com a assimilação da língua portuguesa.

Como em todo processo de colonização, a história tem mostrado que a cultura do colonizador tende a predominar pelo poder econômico e pela força. A resistência cultural promovida pela Imprensa angolana cedeu aos “encantos” do capital e à sugestão das armas.

A partir de 1950, toda essa afirmação de nacionalidade foi feita usando recurso semelhante ao movimento modernista brasileiro, devorando a cultura do estrangeiro e transformando-a em cultura assimilada e suplantada. A literatura resultante desta relação surge como uma forma de luta contra o distanciamento cultural anterior. Todos agora estavam unidos pela língua. E este seria o meio mais eficaz para a afirmação da angolanidade.

A POESIA DE JOÃO MELO

Herdeiro dessa luta que se travou no plano político-ideológico, João Melo estréia em 1985, com o caderno de poemas intitulado *Definição*, depois vem a lume *Fabulema*, 1986, embora outros poemas esparsos tenham sido publicados entre 1970 e 1985, em Angola, Moçambique e no Brasil.

Em *Poemas angolanos* (Porto: Edições ASA/ União dos Poetas Angolanos, 1989), livro que estamos a ler, João Melo reúne poemas já publicados anteriormente. Buscou o poeta, segundo advertência que faz como apresentação ao livro, uma unidade que

“obedece fundamentalmente a uma obsessão liminar: a preocupação em inserir, radical e conscientemente, a poesia no real angolano, percebido este como uma entidade não apenas humana, mas profundamente histórica, sem perder de vista a tarefa vital de qualquer criador: produzir material de impacto estético inesquecível”.

Dividido em 7 partes: “Quatro prolegómenos”, “A cidade de Adobe”, “Lições da carne”, “Memória da casa de vidro”, “Certos homens”, “Novas canções urbanas” e “Vinte anos depois”, *Poemas angolanos* traça um percurso que vai da metalinguagem, associada a uma busca de identidade, ao discurso poético libertário, que ora se opõe ao passado ora aos conflitos internos que geram uma necessidade de preservar a vida.

Não se trata de um livro que, dividido, perde a unidade, pelo contrário, a urbanidade, as lições do passado, o amor sóbrio e concreto à mulher amada fazem parte de um programa de afirmação da identidade que está subjacente à poesia de João Melo.

A densidade estética presente, conscientemente trabalhada nos poemas, explode em cada texto como se quisesse o poeta reinventar a própria história de Angola.

Já no primeiro poema: “Aprendiz de Kimbanda”, o poeta deixa claro a sua consciência do fazer poético. A religiosidade não é somente o pano de fundo do poema, aquilo de que se vale o autor para conservar sua identidade, é concretamente a face de um povo que assumiu a sua raça.

*Reza após reza, i. é,
verso após verso
eu
insisto*

*E trabalho de noite
que é quando
a concentração logra
um misticismo mais profundo*

*E utilizo de tudo
para fabricar palavras:
homens pedras ervas animais*

*Depois saio, afivelando
a minha horrenda máscara
de makixe
e gritando os meus*

espantos medonhos:

medo sangue raiva morte

(p. 11)

Logo na primeira estrofe, o poeta associa a criação do poema como um ritual religioso. A Kimbanda é uma linha da Umbanda em que os chefes são preparados com os segredos, muito ocultos, para realizarem rituais em que, entre outras coisas, se sobressai o mal. Esse clima místico evocado propõe uma relação entre a poesia e a religião no seu sentido doutrinário (re-ligare). É a reza/ verso que invoca na noite a concentração para fabricar as palavras. Poesia e religião como elementos de um mesmo ritual de criação, o instante de união entre o poeta e o absoluto. A sua cosmovisão é composta de “homens pedras ervas e animais”, símbolos de uma realidade que produz a sua “horrenda máscara” e os seus espantos medonhos: medo sangue raiva e morte.

Na certeza de ter descoberto a sua identidade poética na própria identidade do seu povo, João Melo encarna a ferocidade de quem herdou uma história de grilhões que cicatrizaram na carne mas ainda doem na alma.

A minha poesia é angolana ferozmente

Escrevo com medo e com raiva

e força e ritmo e alegria

Escrevo com fogo e com terra

Escrevo sempre como se comesse

funge com as mãos

mesmo quando utilizo

garfo e faca

(p. 12)

Em sua poética, João Melo luta contra o fantasma do passado e sai vencedor. Vence porque é poeta, mas sobre seus ombros recaem as dores dos mutilados. Para isso, afia o poema para empunhá-lo como palavra de ordem:

O regulamento

*do poeta
é este
juramento:
ser do povo
o instrumento
aguçado
e atento
às exigências
do momento
incansável
ativista
deste
movimento
dirigindo
o vento
pelo futuro
adentro
fogo lento
ardendo
debaixo
da terra
fabricando
o sol
de amanhã
O alento
do poeta é:
anunciar
o cumprimento
da antiga lei
fecundada
pelo sofrimento
milénar
dos povos:
o mundo
está
sempre
em andamento*

A linguagem recortada em imagens monta em fragmentos uma realidade impregnada de sentimentos dicotômicos. No poema “Sol no muceque”, o eu poético capta as imagens reais sem recair na denúncia pura e por demais enfadonha dos poetas panfletários:

*Redonda lâmpada acesa
A amarela luz alastrando-se
Por sobre o zinco das cubatas
Os fartos cabelos
Das mulembeiras
Raparigas cartando água
No chafariz
Meninos de barriga inchada
Brincando com bola ou
Tampas de garrafa*

O mesmo olhar que vê a *Redonda lâmpada acesa/ a amarela luz alastrando-se/ por sobre o zinco das cubatas*, vê também as meninas *cartando água no chafariz* ou os *meninos de barriga inchada/ brincando com bola ou/ tampas de garrafa*. A mesma luz do sol que descortina o dia, revela também a realidade social através das cenas cotidianas. O sentimento da terra está presente na condição social das pessoas e das coisas que as cercam. Mesmo quando capta um instante de lirismo em meio às hostilidades do dia a dia, o poeta mostra o lado virtual de uma realidade anômala, a de Angola que desejaria existir.

Nas “Lições da carne”, João Melo indaga a existência do amor através do outro. Sua relação com a mulher amada oscila entre o concreto das trocas de amor carnal e entre o diáfano, o pretendido mas não alcançado. Na “Lírica VI” há toda uma reflexão sobre os mistérios do amor. *São inacessíveis os mistérios do amor?*, pergunta.

Acrescente-se que o primeiro e o último verso do poema são interrogativos. Essa projeção da dúvida sobre a concreção do amor, de certo modo é estendida de forma inconsciente a outros poemas desse conjunto, também denominados líricas. Lírica remete a lirismo e o lirismo evocado aqui não está centrado apenas no eu do poeta, mas no que está fora, existirá como motivo que irrompe independente da sua vontade. A amada as vezes se confunde com Angola, reprimidas, ambas desejando serem possuídas

pelo seu povo. Ao possuir a mulher o poeta também possui a pátria-mãe. Mas a despeito da sua luta pela liberdade, o poeta se rende à mulher/ Angola, deslumbrado, reverente.

A natureza é um outro elemento que faz parte de um cenário de desolação e miséria. O sol, a chuva, a terra, as pedras, enfim, a paisagem, compõem um cenário melancólico dentro da estruturação da linguagem.

Se até a metade do livro João Melo preocupa-se com a identificação da linguagem poética com a sua afirmação existencial, é nas três últimas partes que ele intensifica o seu ideal de liberdade. Seu discurso poético ganha um tom político manifestamente libertário. A advertência que fez no início do livro, de inserir seus poemas “radical e conscientemente” no real angolano, e fazê-los parte da história, concretiza-se em poemas como: “Estes homens aqui”, “Os homens, o país e a luta”, “Pequena cantata a um herói”, “1º poema para kamaxilu (Contribuições para a definição de herói)”, “As flores crescem nas trincheiras”, e talvez o mais representativo deles, “Africambi”.

João Melo e seus poemas angolanos são um retrato nu e cru de uma realidade que mistura sofrimento e conquista, solidão e solidariedade, violência e humanismo, e a maior de todas as conquistas, a libertação. Tudo que enfeixa estes sentimentos e valores integra um rico processo de descolonização.

REFERÊNCIAS

MELO, João. *Poemas angolanos*. Porto: Edições ASA/ União dos Poetas Angolanos, 1989

PONTES, Carlos Gildemar. A poesia libertária de João Melo. In: _____. *Travessia de mundos paralelos*. 2. Ed. João Pessoa: Acauã, 2006.